

UM TEMPO PARA CHISTES: O MÉTODO DE FREUD E A TRANSMISSÃO DE UM SABER

Viviane VERAS¹

RESUMO *Considerado por diversos autores uma forma de criação literária, o chiste é uma faculdade linguageira especial que recombina materiais verbais em forma inusitadas, de acordo com uma sintaxe que Freud encontra em ação nos processos inconscientes. Freud constata que o caráter de um chiste está em sua forma lingüística, portanto, dizer com outras palavras destrói o efeito chistoso, não surpreende, não faz rir. Segundo Freud, um chiste não se prefacia, um momento antes, não se sabe que chiste se irá fazer e sente-se algo indefinível, que o autor compara a uma ausência, um súbito deixar de fora a tensão intelectual; um instante depois, o chiste aflora do inconsciente, não tem origem num raciocínio. Os desdobramentos explicativos eliminam a surpresa que lhe é constitutiva, tiram-lhe a graça. É somente pelo efeito provocado que um chiste terá sido bem sucedido, portanto, exige uma participação subjetiva. “Só é chiste o que reconheço como tal”, diz Freud, e isso deve ser levado em conta na experiência de sua transmissão. Exigindo o ouvinte, aquele que ri, um chiste só pode ser experimentado uma vez que se tome parte em seu processo, excluindo o observador neutro, que se limitaria a analisá-lo.*

ABSTRACT *Considered by several authors a kind of literary creation, jokes are a special language faculty that recombines verbal material in uncommon ways, according to a syntax that Freud finds in unconscious processes. The character of a joke consists of its linguistic form; hence saying it in other words destroys its effect — it does not surprise, it does not make laugh. According to Freud, a verbal joke can not have a preface, one moment before, no one knows that a joke will be made and we fell something indefinable, which Freud compares to an absence, a sudden exclusion of intellectual tension; a moment later, the joke comes up from the unconscious, having no origin in reasoning. Explanation eliminates surprise and causes no laugh. It is only by the effect it has provoked that a joke will have been successful, demanding a subjective participation. “A joke is the joke I recognize as such”, Freud states, and this fact must be taken into account in the experience of its*

¹ Professora do Curso de Letras, Tradutores e Intérpretes do Centro Universitário Ibero-Americano (Unibero).

transmission. Requiring the listener, the one who laughs, the joke can only be experienced if one participates in its process, which excludes the neutral observer, who would be limited to analyze it.

O material deste trabalho² foi buscado nos textos de Freud sobre os sintomas histéricos, lapsos, sonhos e, de modo especial, no livro sobre os chistes, considerando que neles (como em outros trabalhos que não abordo neste momento) se elabora uma teoria do sujeito. Presente como autor, objeto de análise, intérprete e leitor, Freud apreende, ao mesmo tempo em que sua teoria se descobre e se inventa seu objeto, o caráter paradoxal dessas *formações do inconsciente*, cuja chave de interpretação não se oferece a partir do já escrito, já conhecido, uma vez que obedecem a outras leis, impondo à teorização freudiana um ritmo, uma intermitência. Tais formações, a despeito de serem reconhecidas como fenômenos normais de nossa vida cotidiana, podem ser tomadas como marcas de uma certa patologia do conhecimento, de uma impossível pureza do domínio racional. Como uma espécie de epígrafe para a leitura deste texto, vale lembrar o que Freud (1909/1992) recomendou a Max, o pai do pequeno Hans, ansioso por esclarecer as todas as dúvidas de seu filho: “Deixemos que o nosso investigador infantil adquira cedo a experiência de que todo saber é fragmentário, e que em cada um de seus graus fica sempre um resto sem solução”.

Nos *Estudos sobre a histeria*, publicados em 1895 em colaboração com Joseph Breuer, Freud descobre que sua paciente Lucy R. sabia algo sobre si mesma sem saber que o sabia. Como ela mesma o diz, “sabia, sem pensar nisso”, sem fazer disso um objeto de auto-consciência. Freud diz que compreende o que se passa com ela porque conhece essa “estranha cegueira dos olhos que vêem”, porque já vivera tal situação em que se sabe algo e, ao mesmo tempo, não se sabe. Descobre, assim, que, para seus estudos, a evidência não pode ser um critério, tampouco a lei da contradição [saber e não saber ao mesmo tempo], pondo em cheque a certeza de um sujeito idêntico a si, certeza abalada pela descoberta de um saber que age, que produz efeitos, mas não é acessível à consciência, não podendo, portanto, transformar-se em auto-conhecimento. Freud acrescenta depois, em nota, que buscara checar se tal fenômeno se dava com outros colegas - tal como Saussure interrogava lingüistas e poetas sobre sua descoberta dos anagramas (Starobinsky 1974) - dando-se conta de haver, em sua própria atividade, ausências de consciência.

Freud via-se tomado em seu trabalho por uma estranha forma de envolvimento, pela necessidade de uma participação subjetiva da qual a maior parte dos textos científicos pretende se distanciar para conservar sua neutralidade, para poder objetivar e teorizar. No Prefácio à primeira edição do livro dos sonhos (1900/1992),

² Escrevi o texto *Lingüisterria: um chiste*. (Veras 1999), onde desenvolve mais algumas questões apresentadas no artigo ora publicado.

Freud fala desse envolvimento penoso e inevitável que o leva a revelar ao público aspectos íntimos de sua vida mental, de revelar mais do que convém “a um autor que não é poeta, mas homem de ciência”. Submeter-se a isso foi o único modo de não renunciar à argumentação, à administração das provas, e embora confesse não ter resistido a evitar algumas indiscrições, por meio de omissões ou de substituições, admite que essas manobras reduziram drasticamente o valor de seus exemplos. No verão de 1908, prefaciando a segunda edição, fala que revisou o livro, que introduziu modificações, mas que o *material* dos sonhos resistiu ao tempo e que devido a seu comprometimento pessoal com a obra, a sua importância subjetiva, tinha-se descoberto “incapaz de obliterar os vestígios dessa experiência”, de reduzir, em uma elaboração objetiva, a parte do sujeito que lhe era própria.

A despeito de tais constatações, é a Breuer que Freud atribui a invenção do método da psicanálise. Breuer constata em sua paciente dois estados de consciência separados, um dos quais nomeou *momento de ausência*. Quando esses momentos de ausência dominavam, Breuer cutucava sua paciente com uma palavra-chave que fazia o sintoma desaparecer, uma *Stichwort*³, uma palavra picante (com o que se pode dar também ao chiste o seu sabor).

No início de seu trabalho sobre os chistes, Freud afirma que “nem de longe a reflexão filosófica consagrou ao *Witz* um empenho à altura de seu papel em nossa vida espiritual” (1905/1992: 11). Retoma as obras de filósofos e poetas que se dedicaram ao tema, destacando, entre as características por eles recenseadas, a *agudeza* e a *rapidez* desse jogo que desconcerta e ilumina. A brevidade do chiste é pontuada por Freud em dois momentos. Primeiro, toma-a como um processo de condensação, materiais verbais que se deslocam e se condensam, mas logo observa que nem toda forma abreviada é chistosa, surpreende, ilumina. Num segundo momento, comparando a formação do sonho à do chiste, observa que esta última tem o caráter de uma “ocorrência involuntária”, que nos toma de surpresa. Um chiste simplesmente se faz, sem que nada o prefacie, e Freud explica que o que se sente é “algo indefinível”, comparável a “uma ausência (*Absenz*), um súbito deixar de fora {*Auslassen*} a tensão intelectual, e um chiste aflora de repente do inconsciente” (*op. cit.*: 160-1). Destaco essa comparação porque essa *Absenz* permite excluir de vez que se possa atribuir a Freud uma abordagem dos chistes como “sentido no não sentido” (ou vice-versa), que faria do inconsciente uma negação do consciente, e permitiria definir um chiste com referência às leis da consciência, como uma mera quebra dessas leis. O inconsciente, afirma Freud, não é uma consciência barrada, um limite da consciência representativa, algo que “não passou pela cabeça porque não estava no ‘centro da atenção’, mas algo que efetivamente não se sabe” (1905/1992: 156). Isso, que não se sabe, afirma em seguida, “é em mim a parte que fala”. Quando declara que um chiste (assim como um sonho) tem um sentido, que não é

³ Para uma discussão pormenorizada sobre o discurso do método de Freud, indico o trabalho do psicanalista Jean Allouch (1993).

uma atividade cerebral fragmentada⁴, não afirma com isso que o psíquico se reduz a um dizível que se abre a uma leitura hermenêutica. Seguindo a explicação de Freud, não tenho primeiro um pensamento (uma escuta interior) que me inibo de exteriorizar; que devido a determinadas circunstâncias reprimo, e para o qual busco, em seguida, uma expressão indireta, produzindo assim uma alusão. Esse tipo de alusão nunca é chistosa, uma vez que, no caso da alusão que se faz chiste, não é a atenção consciente que faz a escolha de uma vestimenta alusiva.

No intervalo em que o chiste aflora causando essa síncope dos sentidos, um chiste se faz. Isso não quer dizer, no entanto, que isso que *aflora*, seja um *conteúdo* que estivesse latente, num certo estado de inconsciência. Mesmo que se possa, em alguns momentos da obra de Freud, falar de um conteúdo latente, importa o que Freud repete sempre: isso que surge é produto de uma atividade, de um trabalho inconsciente. Se é uma *formação* do inconsciente, ou seja (como sublinha Freud em todo o percurso do livro dos chistes), um *processo psíquico*, esse *se-fazer* se dá entre um momento em que *ainda não é* (não se sabe o que virá), e outro em que, estando lá, com sua vestimenta, encoberto, mascarado, *já não é mais* um se-fazer. É assim, como uma *pulsção temporal*, que Lacan vai, no Seminário XI (1964/1973: 11), conceituar o inconsciente. Uma pulsção em cuja defasagem se dá o que chamo aqui de uma síncope⁵, um vão, por onde *Isso* (que se faz) *fala*, e se faz dela sujeito. Nesse sentido, a intenção subjetiva não tem aí nenhuma pertinência.

É verdade que Freud diz que os processos inconscientes são atemporais, não tendo absolutamente qualquer relação com o tempo, mas esse enunciado é desmentido por ele mesmo com a sua teoria do *só-depois* (*nachträglich*). De fato, no livro dos chistes, Freud não teoriza o tempo e, quando o faz, acomoda-o à corrente positivista de sua época, mas proponho que se atente para o tempo que opera em seu texto. O tempo surge também, em diversos momentos, relacionado ao que Freud (1905/1992: 34) chamou de *prontidão técnica*, tomada como uma tendência sempre à espregia para renovar o ganho de prazer. Trata-se de um saber aproveitar a ocasião, e Freud diz que, para isso, é preciso *Stimmung* (disposição, afinação), mas o que é mesmo indispensável é o que chama de uma aptidão pessoal (*persönliche Eignung*). Para destacar essa prontidão técnica, Freud apela para os tropos da retórica (uma vez que é na linguagem que os efeitos dessa fala do inconsciente se dão a conhecer, como chistes, lapsos ou erros; como criação poética). Se um chiste se faz independente de um querer dizer, de que querer se trata? De que aptidão? Quem é o rector, ou melhor, o sofista, que não deixa passar a ocasião? Se essa

⁴ O estudo de chistes, sonhos e lapsos, atividades entendidas como normais, permite, como Freud observa em muitas de suas obras, apreender a lógica de certas manifestações consideradas patológicas.

⁵ Corte, perda, colapso, perda de consciência, haplogia. Na música, a síncope é uma alteração no tempo. O acento normal está na mente do ouvinte e o acento sincopado é, simultaneamente, ouvido em outro lugar. No jargão americano se diz "ragging the time"; o *ragtime* é uma dança que chama o corpo a ocupar esse intervalo defasado entre tempo e contratempo (Cf. J. M. Wisnik, 1989).

ocasião se reduz a uma síncope, um corte, um intervalo, não é ela mesma que o pressiona, que o apressa para que a ocasião não escape?

Essas perguntas que o texto se faz sobre essa estranha temporalidade determinam o percurso desta leitura. Se *leg-* é no latim *legere*, ler, (es)colher as flores retóricas, é também *lêx*, sob sua lei, e *lêgāre*, o que engaja por contrato; portanto, não se pode ler sem compromisso, sem interferir. Interferir, sob a lei do chiste, interrogando essa retórica que –longe de se reduzir à função de ornamentação e de florilégio, alheia à verdade – conjuga a uma trópica generalizada (não só as figuras de linguagem mas jogando com os próprios significantes) a potência do *kairós*⁶. Esse corte temporal não se contenta em coincidir com o tropo (virada, volta), mas renova sua dinâmica, constringindo a apreender juntos outros contornos, outras soletrações. É preciso, então, ler as escansões. Se o corte constringe a pôr-junto, e mesmo a embutir fragmentos não associados segundo as leis da língua, introduz com ele outra *syn-taxis*, que ultrapassa qualquer intenção expressiva. Nesse intervalo, o inconsciente é poeta, um poeta *sintaxeiro*, como disse Mallarmé.

Em *Psicanálise e medicina* (1926/1959), Freud diz que, uma vez encontradas as interpretações exatas, surge uma nova dificuldade: “saber escolher o momento propício (*Gelegenheit*) para comunicá-las ao paciente com alguma probabilidade de êxito” (*op.cit.*: 397). Reconhecer em cada caso esse *momento oportuno*, Freud continua, é questão de um certo *tato*, que somente se aprimora pela experiência. O termo utilizado por Freud – *Takt* – é também um termo musical que indica a medida, a cadência, a escansão, reafirmando que o êxito da interpretação está em íntima ligação com o tempo, e valendo, também, como não poderia deixar de ser, para o tempo de análise. “Quanto tempo durará o tratamento? De quanto tempo necessita o senhor para curar-me de minha doença?”. Freud (1912/1959: 547) responde como Esopo ao viajante: *Anda!* É preciso conhecer o passo, o ritmo desse caminhar. Mas esse ritmo não é uniforme, regular, pulsando sempre em fase; há oscilações, paradas, inibições, interrupções, resistências, precipitações, defasagens, e todos esses tempos precisam ser contados⁷.

Freud descobre nas formações do inconsciente uma sintaxe, um funcionamento que submetido a leis de outra ordem (outra cena) surpreende. Assim, buscando reunir os chistes em uma taxonomia, Freud se conduz e é conduzido pelo trabalho

⁶ O *kairós* foi definido pelos pitagóricos como uma harmonia, no sentido grego do termo, como a faculdade de escolher palavras bem ajustadas, adaptando os discursos a cada um. Seu significado temporal vai sendo cada vez mais acentuado, especialmente a partir dos sofistas. Como *momento oportuno*, o primeiro a conceituá-lo foi Górgias. É a definição gorgiana de retórica que leva, segundo A. Plebe (1978), à retomada do conceito de *kairós* retórico como *momento oportuno*, adequado ao tipo de ouvinte e aos fins do orador. O *kairós* é também lugar comum nas doutrinas hipocráticas, ligado ao “momento justo” da intervenção, no “momento crítico” da doença.

⁷ A contagem dos tempos, a partir da consideração do inconsciente como pulsação temporal, leva Jacques Lacan à prática, em suas psicanálises, das sessões de tempo variável, cujo fundamento teórico-prático é rigorosamente estabelecido por Erik PORGE em *Psicanálise e tempo* (1994).

dessas formações, enquanto procura explicar ao leitor como um chiste se faz e o que é que se transmite nesse fazer. Se aí se transmite um saber, é necessário precisar, antes de mais nada, de que saber se está falando. Não se trata, como já sublinhamos antes, de um saber estabelecido, mas de um saber que se ex-põe à responsabilidade do outro, um saber não sabido, que nada deve às intrigas do conhecimento. Se não faz acorde com a escuta desse *Publikum*, se não produz o riso, desafina, dá chabu, e se faz um lapso. Assim, podemos afirmar que é somente pelos efeitos provocados que se pode dizer que um chiste *terá sido* bem sucedido, ou não terá sido um chiste. Reconhecido nesse tempo do só-depois, uma teoria do chiste será necessariamente uma teoria de seus efeitos, e terá como único fundamento efetivo os efeitos da teoria.

Para demonstrar que os sonhos são suscetíveis de uma interpretação, Freud apresenta explicitamente seu método de interpretação, construindo-o passo a passo. Começa mostrando que os livros orientais de sonhos interpretavam os elementos oníricos não segundo uma determinada simbologia (que permanecia presa aos significados, e que ficava na dependência da arte do intérprete), mas pela via da homofonia e pela semelhança entre as palavras. “Os sonhos acham-se tão ligados à expressão verbal [Freud observa em nota], que Ferenczi observa justificadamente que cada língua tem seu idioma onírico próprio” (1900/1992: 121). Acontece, diz então, que as traduções desses livros eliminavam justamente esse “parentesco”, essas ressonâncias, tornando essa interpretação incompreensível. Além disso, recomenda, é preciso tomar tais fragmentos oníricos um a um; a cada um, seu deciframento, sua leitura; assim, de cada vez, o método se inventa. Mais uma vez, Freud dá razão a Mallarmé: *todo método é uma ficção*.

Para dar início a suas análises de chistes, Freud abre o capítulo sem o mínimo rodeio: “Abandonemo-nos ao acaso e escolhamos o primeiro exemplo de chiste que se nos apresentou no capítulo anterior” (1905/1992: 15). Estranha conjunção de acaso e escolha. Maquiavel (1989: 103-4)⁸ diz que quando um príncipe se apóia totalmente no acaso, arruína-se; mas Freud escolhe e, com essa escolha, intervém, traçando um caminho (*hodos*⁹) que terá sido o único possível para ele. Uma vez que esse caminho só se reconhece retroativamente, quando se o reconhece, ele tem o aspecto de um “não poderia ter sido de outro modo” - resultado dessa *cooperação* entre contingência e necessidade.

No capítulo VI, “O vínculo do chiste com o sonho e com o inconsciente”, Freud dá às técnicas de análise dos chistes os mesmos nomes daquelas já encontradas no capítulo VI do livro dos sonhos: condensação, deslocamento, figuração indireta, etc. Segundo o autor, quando o trabalho de condensação escolhe

⁸ Cf. em especial o capítulo XXV: “De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se deve resistir-lhe”.

⁹ Do Grego *hodos* = caminho, jornada. Método, “ir em busca”, “perseguir”; *meta* (após) + *hodos* = caminho.

como objetos palavras e nomes, produz como resultado *criações léxicas cômicas*, verdadeiros *caprichos verbais*, em que as sílabas se compõem e decompõem. Tratar-se-ia, então da mera aplicação de um método já assegurado? De certo modo, o método não está manifestamente em questão; a trilha está aberta com os sonhos, e Freud vai se dedicar a explorar as técnicas descobertas ali. Freud elege um método para abordar os chistes, mas sem deixar de considerar, um instante sequer, que no chiste mesmo há um método (uma vez que toma esse saber inconsciente do chiste como agente: ele trabalha de acordo com determinadas leis), e é essa disparidade (entre os métodos) que, segundo Allouch (1994: 43), impede que se possa fundar o segundo sobre o primeiro, gerando uma tensão que vai impedir, entre outras coisas, a redução dos chistes a uma taxonomia.

Freud reconhece um método no chiste, e conta com um método de abordagem (depreendido de sua análise do sonho), mas o chiste introduz uma nova complicação: uma "condição subjetiva". Logo na introdução, Freud diz que lhe parecem indicados os exemplos de chistes que o fizeram rir mais. Nesse ponto mesmo, apresenta-se o problema da condição subjetiva: como separar a *capacidade de fazer rir* e o *interesse teórico*. Aparentemente, a condição subjetiva estaria restrita a essa capacidade de fazer rir; entretanto, o interesse teórico, contemplativo, exterior ao fenômeno, acaba por tornar-se um inter-essere; afetado, ele também, por essa condição.

No capítulo das técnicas, quando analisa pela primeira vez essas histórias de casamenteiros judeus, Freud fica na dúvida: Será que se pode dizer que essas histórias são chistes? Se para os outros, os não-judeus, as histórias de casamenteiros podem não passar de simples farsas, anedotas grosseiras, enquanto, *para mim*, são chistes, *só é chiste o que reconheço como tal*. Nesse *para mim*, não se separam o ouvinte e o observador. Nos chistes de judeus sobre judeus, diz Freud, a crítica se volta contra a própria pessoa que é, no caso, uma pessoa que participa (do processo psíquico), identificada com seu povo (nesse caso, está fora de dúvida que a fronteira individual/social se mantenha). E aí está a condição subjetiva do chiste, em decorrência da qual está definitivamente excluído que Freud pudesse tratar do chiste (teoricamente, apreendendo-o, abrangendo-o, tomando-o como um todo, de uma posição de exterioridade) sem tratar com ele (sem interessar-se, sem o reconhecimento de sua pertença ao povo judeu). Entre o que se transmite e o modo de transmissão há um vínculo irredutível, uma tensão entre método e estilo.

“Quando alguém cai na risada com um chiste, não está precisamente na melhor predisposição para investigar sua técnica” (Freud 1905/1992: 48). Eis aí, segundo Freud, a maior fonte de dificuldades a enfrentar em seu trabalho. Ocasão em que também lhe aparece um exemplo de chiste que tem “indesejadas complicações, mas, por sorte, não são do tipo daquelas que até agora nos impediram de ver claro:

Um pobre reclama de sua miséria e pede dinheiro a um conhecido seu. No mesmo dia, o benfeitor o encontra num restaurante saboreando um prato de salmão com maionese.

— Como! Foi para isso que me pediu dinheiro?

— Não o compreendo (diz o pedinte). Quando não tenho dinheiro, não posso comer salmão com maionese; quando tenho, também não posso comer. Quando, então, vou poder comer salmão com maionese? (Freud 1905/1992: 48).

Algumas páginas adiante, analisando as tendências do chiste dirá “que é muito duvidoso que alguém que se deixe subjugar pelo chiste possa conhecer seu exato propósito” (Freud 1905/1992: 98). No capítulo IV, “O mecanismo do prazer e a psicogênese do chiste”, ao confessar que não sabe de onde vem o prazer, nem por que rimos, acrescenta: “se o chiste nos faz rir, estabelece em nós, além do mais, a predisposição mais desfavorável à crítica” (Freud 1905/1992: 127). Nessa tensão imposta pela condição subjetiva está, para mim, uma lição preciosa: Prender-me unicamente ao que Freud *afirma, diz, observa, julga*, atribuir-lhe uma intenção subjetiva, é deixar de lado exatamente o que está na *formação (inconsciente)* de sua escrita – isso que “não pensa, não calcula e não julga; limitando-se a transformar” (Freud 1900/1992: 498). Opto então por uma saída chistosa, não resistindo a ler, com um chiste, suas “indesejadas complicações”:

— Quando o chiste me faz rir, tenho o chiste, mas não estou em condições de teorizar (não posso). Quando não me faz rir, estou em condições de teorizar, mas não tenho o chiste (não posso). Quando, então, vou poder teorizar?

Colocando-se no lugar daquele que escuta o chiste e sanciona, com seu riso, que um desejo se fez reconhecer, Freud *submete-se* às condições subjetivas impostas pelo *trabalho* do chiste. Essa submissão (deplorada ou não; principalmente deplorada) permite que o chiste se faça escutar, i(n)terrompendo em seu fazer teórico, fazendo de seu próprio texto uma vestimenta (*Einkleidung*) chistosa, vestimenta que esconde o feminino que se dissimula, permitindo que o dom do chiste, aproveitando-se do próprio trabalho de constatação (desconcertando-o, assombrando-o [*verblüfft*]), imponha-se como acontecimento (ilumine-o [*erleuchtet*]), e algo se transmita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, Jean. (1993). *Freud, et puis Lacan*. Paris: EPEL.

FREUD, Sigmund, BREUER, Joseph. (1992). *Estudios sobre la histeria*. Trad. direta do alemão de José L. Etcheverry. Obras Completas: Sigmund Freud. Vol. 2. Buenos Aires: Amorrortu.

FREUD, Sigmund. (1992). *La interpretación de los sueños*. Trad. direta do alemão de José L. Etcheverry. Obras Completas: Sigmund Freud. V. 4. Buenos Aires: Amorrortu.

_____. (1992). *El chiste y su relación con lo inconciente*. Trad. direta do alemão de José L. Etcheverry. Obras Completas: Sigmund Freud. V. 8. Buenos Aires: Amorrortu.

- _____. (1992). *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*. Trad. direta do alemão de José L. Etcheverry. Obras Completas: Sigmund Freud. v. 10. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1959). *Psicanálise e Medicina, in Obras completas*. V. 10. Texto traduzido por Gladstone Parente. Rio de Janeiro: Delta.
- LACAN, Jacques. (1973). *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (Seminário XI). Texto estabelecido por J-A Miller. Paris: Points.
- MAQUIAVEL, Nicolau. (1989). *O Príncipe*. Trad. de Lívio Xavier. São Paulo: Nova Cultural.
- PLEBE, Armando. (1978). *Breve história da retórica antiga*. São Paulo: EDUSP.
- VERAS, Viviane. (1999). *Lingüística: um chiste*. Tese de doutorado (inédita).
- WISNIK, José Miguel. (1989). *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Cia das Letras.